

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA

MERCADO DE TRABALHO

1º TRIMESTRE DE 2026

Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento – Seplan

Cláudio Ramos Peixoto

**Superintendência de Estudos Econômicos e
Sociais da Bahia – SEI**

José Acácio Ferreira

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Rodrigo Barbosa de Cerqueira

Coordenação Editorial

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Filipe Oliveira Silva

Luiz Fernando Araújo Lobo

Silvânia Ferreira Conceição

**Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização**

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanaís

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Ludmila Nagamatsu

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Editoração

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4733

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2026 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED **3**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC **10**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **20**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **20**

NOTA METODOLÓGICA **24**

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano **24**

PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2026

O ano começou e o primeiro trimestre de 2026 não afiançou as expectativas mais pessimistas, apesar do forte garrote monetário imposto à sociedade brasileira através de uma elevada taxa básica de juros. Mesmo com consumo, empréstimos, financiamentos e investimentos sendo acorrentados há algum tempo no Brasil, a economia manteve um bom dinamismo. O mercado de trabalho, por sua vez, conseguiu se manter como peça importante para o movimento das engrenagens da atividade econômica e ainda registrou recordes positivos em alguns de seus indicadores. Neste contexto, o mercado de trabalho, em face da resiliência que vem demonstrando em um ambiente permeado por certos entraves, continua merecendo menção honrosa.

No entanto, mesmo que sutis, alguns sinais de perda de ritmo podem ser identificados, inclusive no mercado de trabalho – o que provavelmente tem mais a ver com um freio conjuntural do que qualquer grau de declínio econômico. Além do mais, não se pode desconsiderar, houve um aumento relevante da incerteza global nos últimos meses e isso também contamina o desempenho futuro da economia mundial em alguma medida. Assim, nesse cenário, a princípio, é bem possível que, daqui em diante, os avanços dos principais indicadores econômicos do Brasil e da Bahia se deem de forma relativamente mais comedida do que outrora. No âmbito do mercado de trabalho, por exemplo, a geração de empregos, principalmente aqueles com carteira assinada, pode vir a ser afetada e, assim, assumir um compasso relativamente mais lento. Porém, vale destacar, mesmo que venha a experimentar ritmo menos intenso, a expectativa é de que o mercado de trabalho continue incorporando trabalhadores e gerando renda até o final do ano.

A conjuntura do mercado de trabalho baiano foi aqui exposta tendo por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sem se propor a uma análise de maior aprofundamento e com foco em informações trimestrais, o presente texto visa retratar o cenário mais recente do mercado de trabalho local, contrapondo tais estatísticas com as correspondentes séries históricas e com os indicadores das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante.

CENÁRIO ECONÔMICO

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado no primeiro trimestre de 2026, em matéria de Produto Interno Bruto (PIB), expandiu 0,4% no confronto com o mesmo período do ano anterior – crescimento, portanto, inferior ao observado para o Brasil como um todo, que foi de 1,8%. Trata-se da 21ª alta nessa base de comparação após cinco recuos seguidos. No caso, dois dos três grandes setores produtivos registraram expansão: o segmento agropecuário, com taxa de 5,8%; e o setor de serviços, com alta de 2,7%. O grupamento industrial, portanto, foi aquele com queda no confronto anual, variação negativa de 5,9%. Em comparação ao trimestre imediatamente antecedente (série com ajuste sazonal), houve uma retração de 0,1% do PIB baiano.

Efetivamente, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de março, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2026 apontou para uma provável alta de 0,4% em relação ao volume do ano de 2025, quando a produção havia totalizado 12,840 milhões de toneladas (maior montante da série histórica para o conjunto de produtos pesquisados). A produção física estimada de grãos, assim, deverá fechar o ano com aproximadamente 12,887 milhões de toneladas, o que passaria a ser o melhor resultado do levantamento. Dessa forma, com a área colhida sendo provavelmente 0,9% maior, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá diminuir em 0,5% de um ano ao outro.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de janeiro a março de 2026 teve uma retração de 6,5% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2025 – delimitando uma trajetória de quatro quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu somente na indústria de transformação, a qual regrediu 7,1%, já que na indústria extrativa houve avanço de 4,0% em relação ao montante produzido no primeiro trimestre de 2025. No acumulado de 12 meses, o quadro também indicou uma redução para o total da atividade fabril, com recuo de 2,0% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou encolhimento no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre janeiro e março de 2026, em relação ao observado nos mesmos meses de 2025, exibiu uma diminuição de 0,4% – queda após ter aumentado na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado de 12 meses, que no caso vai de abril de 2025 a março de 2026, a variação também se mostrou negativa, apontando retrocesso de 1,8% comparativamente ao conjunto de 12 meses imediatamente antecedente.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no primeiro trimestre de 2026, no confronto interanual, com aumento de 4,5%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou a 12ª alta trimestral seguida. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas apontou alta de 3,9%.

No que se refere às perspectivas futuras do empresariado local quanto à economia e aos negócios, ao final do primeiro trimestre de 2026, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança piorou, já que se mostrou mais atrofiada do que ao término do intervalo imediatamente antecedente. Ao longo do trimestre, o ICEB continuou a exibir resultado negativo (janeiro, -77 pontos; fevereiro, -41 pontos; e março, -84 pontos), o que vem acontecendo desde fevereiro de 2024. O referido trimestre foi marcado por oscilação da confiança mês a mês. O indicador de fevereiro foi o único que captou variação positiva na margem. Os meses de janeiro e março, por sua vez, registraram quedas, com este último exibindo o maior dos recuos. Ao fim do trimestre, o indicador apontou o menor nível de confiança desde o observado em setembro de 2025. Enfim, houve certa involução de um trimestre ao seu consecutivo. Dessa forma, mesmo sem qualquer trajetória consolidada de ampliação da incerteza e de piora das expectativas, simplesmente ao indicar aumento do pessimismo, os últimos resultados do ICEB voltam a suscitar dúvidas quanto a um cenário mais promissor num futuro próximo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com as estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no primeiro trimestre de 2026, o saldo de empregos com carteira assinada foi positivo, indicando uma geração líquida de 28.058 postos¹. A dinâmica com mais admissões do que desligamentos, no entanto, foi apurada em todos os meses do referido intervalo. O mês de março foi o de maior geração no intervalo, com 14.008 novas vagas – aliás, melhor resultado mensal desde o observado em abril de 2025. Os meses de janeiro e fevereiro testemunharam excedentes menos destacados, com 6.448 e 7.602 novos postos, respectivamente. Além de positivos, os saldos se mostraram crescentes ao longo dos meses do referido trimestre – diferentemente do que foi visto no conjunto dos mesmos meses do ano passado, quando os resultados oscilaram no referido intervalo. Entretanto, vale salientar, dois dos meses do intervalo observado evidenciaram apuração inferior ao de um ano atrás (janeiro e fevereiro, no caso) – uma sinalização que serve como alerta quanto a uma eventual perda de compasso da geração futura de postos de trabalho.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de janeiro a março de 2026, com 613.373 vínculos a mais. Ademais, todas as regiões ampliaram o número de postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+288.598 vagas) evidenciou o melhor desempenho e o Norte (+22.398 postos) exibiu o cenário menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 25 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo líquido de 28.058 oportunidades ocupacionais, ficou na sétima posição, dez colocações acima da verificada no intervalo imediatamente anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o melhor resultado absoluto, enquanto Ceará (+12.175 postos) e Alagoas (-10.774 vagas) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no trimestre analisado, respectivamente.

Ao longo de 2026, de janeiro a março, o saldo acumulado de 28.058 postos em território baiano representou uma ampliação de aproximadamente 1,26% no estoque de empregos com carteira assinada, que passou de 2.232.224 vínculos ativos quando se iniciou o referido ano para 2.260.282 empregos formais quando se encerrou o trimestre mais recente – dando continuidade, assim, à geração de postos de trabalho observada nos quatro anos imediatamente antecedentes (em 2021, com 145.576 novos vínculos e crescimento de 8,49%; em 2022, quando 121.684 novos postos trabalho foram gerados e houve variação de 6,54%; em 2023, com 71.161 novas vagas e alta de 3,59%; em 2024, com 85.489 novos empregos e aumento de 4,17%; e, em 2025, com 94.440 novas vagas e expansão de 4,42%). Dessa forma, ao término do primeiro trimestre, a Bahia concentrava 27,09% e 4,61% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de empregos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

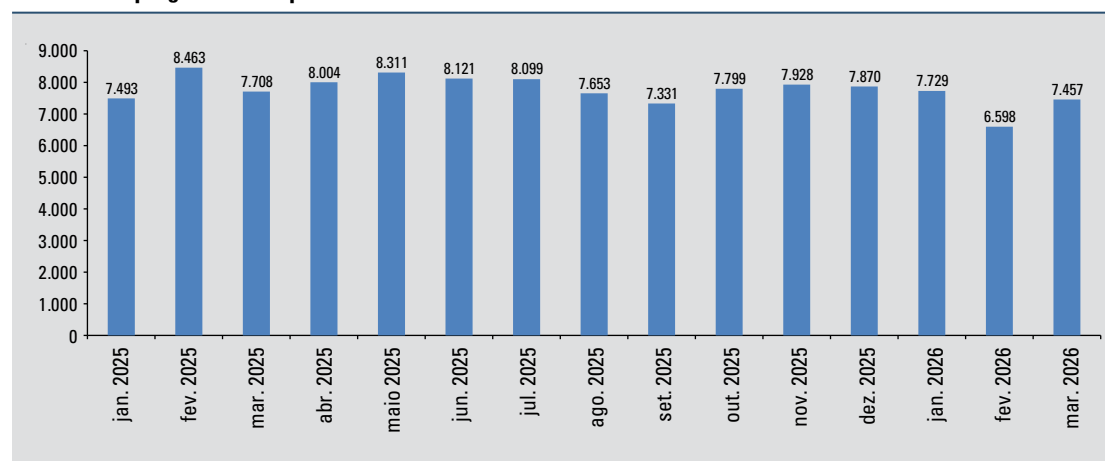
1 Conforme o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), cumpridas as etapas do cronograma de implantação, o Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (*eSocial*) passou a substituir o Sistema Caged como meio para a prestação de informações sobre as movimentações de trabalhadores por parte do empregador.

Com base no acompanhamento temporal das médias móveis de 12 meses dos saldos de empregos formais², abarcando os registros do trimestre mais recente, constata-se que a Bahia acabou de experimentar a 62ª média positiva consecutiva – etapa iniciada em fevereiro de 2021 (+241 postos) e com o ápice em setembro de 2022 (+12.538 postos). Antes disso, entretanto, houve um intervalo relativamente curto de dez resultados mensais ininterruptos com eliminação líquida de oportunidades ocupacionais, cujo momento mais desfavorável ocorreu em junho de 2020 (-5.873 postos).

Na Bahia, sob uma perspectiva temporal mais ampla, com partida em 2025, pôde-se constatar que a geração média de postos de trabalho naquele ano foi marcada por três movimentos: i) ascensão ao longo dos cinco primeiros meses, apesar do revés na passagem de fevereiro a março; ii) trajetória clara e ininterrupta de recuo, nos quatro meses seguintes, de junho a setembro; e iii) subida de patamar de outubro até o fim do referido ano, mas sem recuperação da perda recente e sem tendência definida. Em 2026, por sua vez, o saldo médio de postos encolheu no primeiro trimestre, a despeito do salto no mês de março. Assim, esse recuo observado de janeiro a março de 2026, mesmo sem incorporar uma tendência, termina por levantar suspeitas sobre uma eventual perda de dinamismo da abertura líquida de vagas formais em território baiano daqui para frente.

Gráfico 1

Saldo de empregos formais por média móvel de 12 meses – Bahia – Jan. 2025-mar. 2026



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

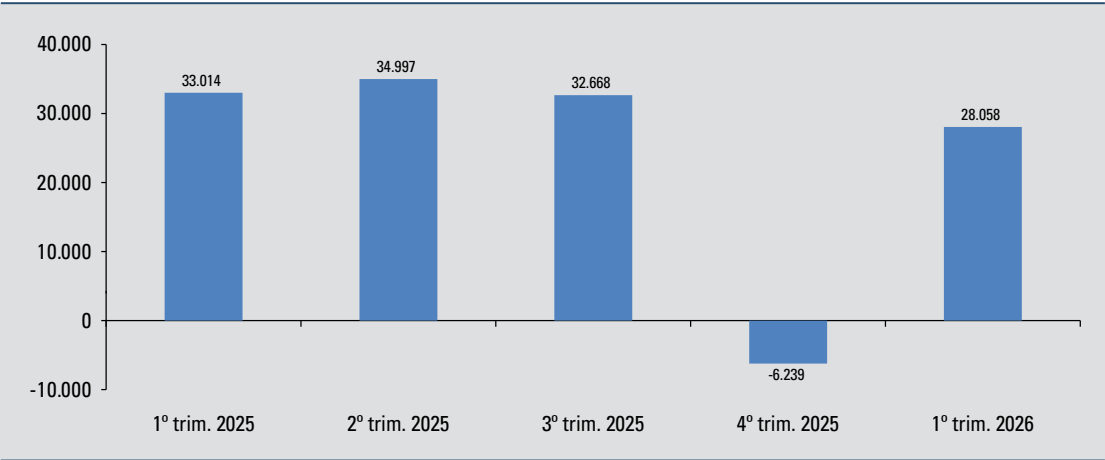
Na Bahia, sob a ótica dos saldos trimestrais, a apuração para o conjunto dos meses de janeiro a março de 2026, um ganho líquido de 28.058 vagas³, indicou alta após ter recuado, visto que o trimestre imediatamente antecedente registrou mais admissões do que desligamentos – evidenciando, dessa forma, não somente uma ampliação pontual do nível de emprego com carteira assinada como também a retomada do revigoramento do mercado de trabalho local.

2 Ao longo do texto, no contexto do Caged, o termo 'emprego formal' se constitui numa simplificação para tratar da relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o chamado contrato celetista.

3 Resultado ainda não definitivo, visto que registros fora do prazo ainda serão recebidos nos próximos meses.

Como se pode observar pelo gráfico logo abaixo, mesmo diante da expansão do quantitativo de vínculos celetistas ativos no primeiro trimestre deste ano, a preocupação se volta para um saldo menor agora do que no mesmo intervalo de um ano antes, quando 33.014 novos postos de trabalho foram abertos. Assim, ao mostrar um enfraquecimento no ritmo da geração de postos no confronto anual, o resultado trimestral mais recente ajuda a suscitar dúvidas de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo daqui para frente poderá se manter relevante. Em relação ao quarto trimestre de 2025, o resultado trimestral do começo deste ano obviamente se mostrou bem mais animador, visto que a ocupação formal havia encerrado 6.239 vínculos de outubro a dezembro do ano passado.

Gráfico 2
Saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Na avaliação setorial do primeiro trimestre de 2026, na Bahia, nesse contexto de expansão de 28.058 vagas, quatro dos cinco grandes estratos setoriais incorporaram novos postos de trabalho. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as categorias, com a geração líquida de 17.783 postos. O setor de *Construção*, com 7.632 novos contratos, também indicou um saldo relativamente relevante, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades conforme se pode acompanhar pela próxima tabela. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, a *Indústria geral* (+3.763 vagas) e a *Agropecuária* (+2.021 vagas) também contaram com contratação líquida de trabalhadores. Assim, portanto, apenas um grupamento econômico registrou um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado. O *Comércio*, no caso, foi o único com encolhimento do nível de emprego celetista, contabilizando uma perda líquida de 3.140 vínculos⁴ (Tabela 1).

4 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, o MTE passou a adotar a classificação de atividades econômicas baseando-se na agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções aqui foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.

Para efeito de comparação no tempo, no mesmo trimestre do ano anterior, somente um dos cinco setores fechou mais vagas do que abriu – portanto, mesmo número que o observado no trimestre mais recente. Além do mais, como se pode ver pela tabela abaixo, dos cinco segmentos, quatro deles contabilizaram resultado líquido melhor naquele trimestre do que no primeiro trimestre de 2026 – ou seja, em termos de saldo por setor, no intervalo mais recente, apenas uma das atividades exibiu desempenho superior ao observado à época (*Construção*, no caso). Em relação ao quarto trimestre de 2025, quando se constatou retração da ocupação formal em três dos setores, por outro lado, apenas uma das atividades não contabilizou resultado líquido superior agora do que no trimestre imediatamente antecedente (*Comércio*, no caso).

Numa avaliação das atividades que contam com subdivisões, o setor de *Serviços* constatou saldo positivo na maioria delas, exceto em Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-213 empregos) e Serviços Domésticos (-8 vínculos)⁵. Ainda dentro de *Serviços*, as seções de Atividades administrativas e serviços complementares, de Saúde humana e serviços sociais e de Educação merecem destaque positivo, visto que exibiram os melhores resultados entre as subdivisões, com 7.816, 3.648 e 2.786 novas vagas no primeiro trimestre de 2026, respectivamente.

No grupamento *Indústria geral*, que também conta com subdivisões e que exibiu a terceira maior geração líquida de vagas entre os setores, todas as quatro subcategorias exibiram saldo positivo no trimestre: Indústrias de transformação, com 2.432 postos gerados; Eletricidade e gás, com a adição de 1.178 novos vínculos no estoque; Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, com mais 141 novas vagas; e Indústrias extrativas, com mais 12 novas vagas⁶. No caso, portanto, nenhuma subcategoria revelou perda líquida de postos no referido intervalo.

Tabela 1
Saldo de empregos formais por grupamento de atividade econômica, por trimestre – Bahia
1º trim. 2025/4º trim. 2025/1º trim. 2026

Grupamento de atividade econômica	1º trim. 2025	4º trim. 2025	1º trim. 2026
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	3.458	-6.018	2.021
Indústria geral	6.811	-3.565	3.763
Construção	4.356	-4.590	7.632
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	-2.084	3.941	-3.140
Serviços	20.474	3.994	17.783
Total	33.014	-6.239	28.058

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A eventual diferença entre o total e a soma dos saldos dos grupamentos se deve aos registros classificados como não identificados (não discriminados na tabela).

5 O grupamento de *Serviços* possui 14 desagregações: Transporte, armazenagem e correio; Alojamento e alimentação; Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades imobiliárias; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Administração pública, defesa e seguridade social; Educação; Saúde humana e serviços sociais; Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; Serviços domésticos; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

6 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: Indústrias extrativas; Indústrias de transformação; Eletricidade e gás; e Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação.

Quanto à distribuição intraestadual, levando em conta o recorte do estado entre Região Metropolitana de Salvador (RMS) e interior baiano, no primeiro trimestre de 2026, tanto aquela quanto esta área experimentaram expansão do nível de emprego formal celetista. Enquanto na RMS foram absorvidos 12.679 novos empregados com registro em carteira, no interior surgiram 15.379 ocupações (Tabela 2). Um ano antes, também houve geração líquida de postos nas duas regiões, contudo tanto a RMS quanto o interior contaram com uma conjuntura mais favorável em termos de saldo à época do que agora. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram em somente uma das áreas (a RMS, no caso), tanto o contorno geográfico metropolitano de Salvador quanto a extensão interiorana do estado demonstraram desempenho recente superior no quesito saldo de vagas.

Enfim, importante ressaltar que, no conjunto dos três meses do trimestre recém-encerrado, a elevação do nível de empregos formais na Bahia foi influenciada principalmente pelo desempenho do interior, visto que essa região registrou um surgimento líquido de postos mais expressivo do que o verificado na RMS – o que colocou aquela instância geográfica com um protagonismo superior quanto ao dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano nos três meses iniciais do ano de 2026, diferentemente do observado no quarto trimestre de 2025, mas semelhantemente ao visto no mesmo trimestre de um ano antes.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior por trimestre – 1º trim. 2025/4º trim. 2025/1º trim. 2026

Área geográfica	1º trim. 2025	4º trim. 2025	1º trim. 2026
Bahia	33.014	-6.239	28.058
RMS	16.245	5.272	12.679
Interior	16.769	-11.511	15.379

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.
Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).
Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.
A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D’Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

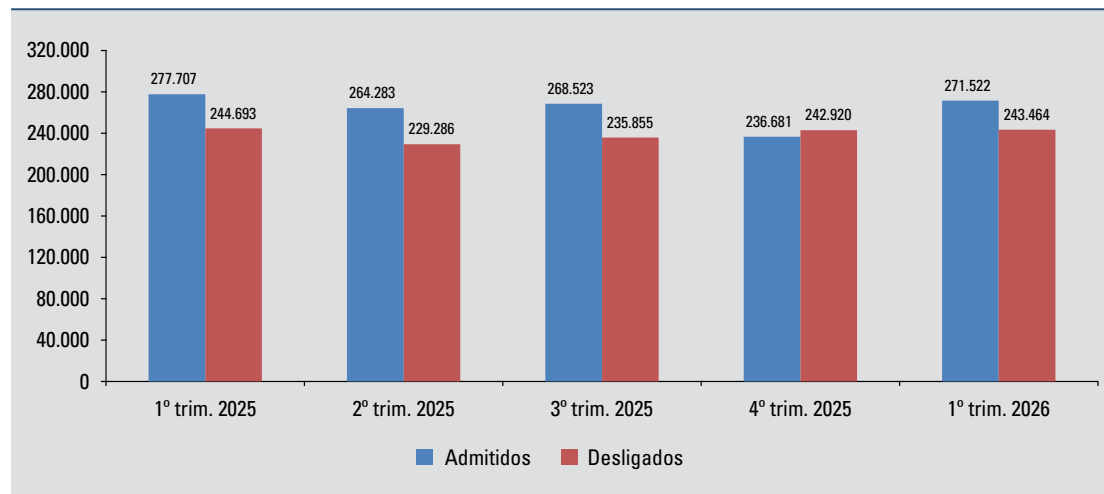
O saldo positivo de 28.058 empregos formais na Bahia, registrado no primeiro trimestre de 2026, foi proveniente de 271.522 admissões e 243.464 desligamentos (Gráfico 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, tanto as contratações quanto as deposições decresceram – aquelas em 2,2% (6.185 admitidos a menos) e estas em 0,5% (1.229 desligados a menos). Quando se toma o trimestre imediatamente anterior em contraponto, por sua vez, tanto as admissões quanto as rescisões se expandiram, com o total de admitidos crescendo 14,7% (34.841 contratações a mais) e o de desligados aumentando 0,2% (544 dispensas a mais). Como se pode acompanhar pelo gráfico abaixo, na margem, as contratações se avolumaram após terem retraído, assumindo, assim, o segundo maior patamar desde 2010 pelo menos. Por sua vez, as rescisões, após terem encolhido, cresceram pela terceira vez em sequência, sustentando, assim, um nível consideravelmente elevado, o segundo maior dos últimos 15 anos⁷.

7 Aqui mantendo as ressalvas para a comparabilidade da série decorrentes de uma mudança na forma de captação dos dados do emprego formal iniciada em 2020, já que, além da natureza distinta de recebimento das informações, o eSocial também possui uma cobertura maior (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados pelo Caged).

Assim, a ocorrência de um saldo menos favorável agora do que há um ano – surgimento de 28.058 vagas no primeiro trimestre de 2026 contra geração de 33.014 postos no mesmo conjunto de meses de 2025 –, decorreu principalmente da redução das reposições (6.185 admitidos a menos), que mais do que anulou o impacto da queda das dispensas (1.229 desligados a menos). Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando ocorreu uma eliminação líquida de 6.239 empregos, o saldo bem maior agora resultou tanto da alta das admissões (34.841 admitidos a mais) quanto da elevação dos desligamentos (544 desligados a mais), mas com aquela influenciando muito mais do que esta, dada a sua maior magnitude. Outras constatações podem ser apreendidas pela observação do gráfico a seguir.

Gráfico 3

Admissões e desligamentos por trimestre – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

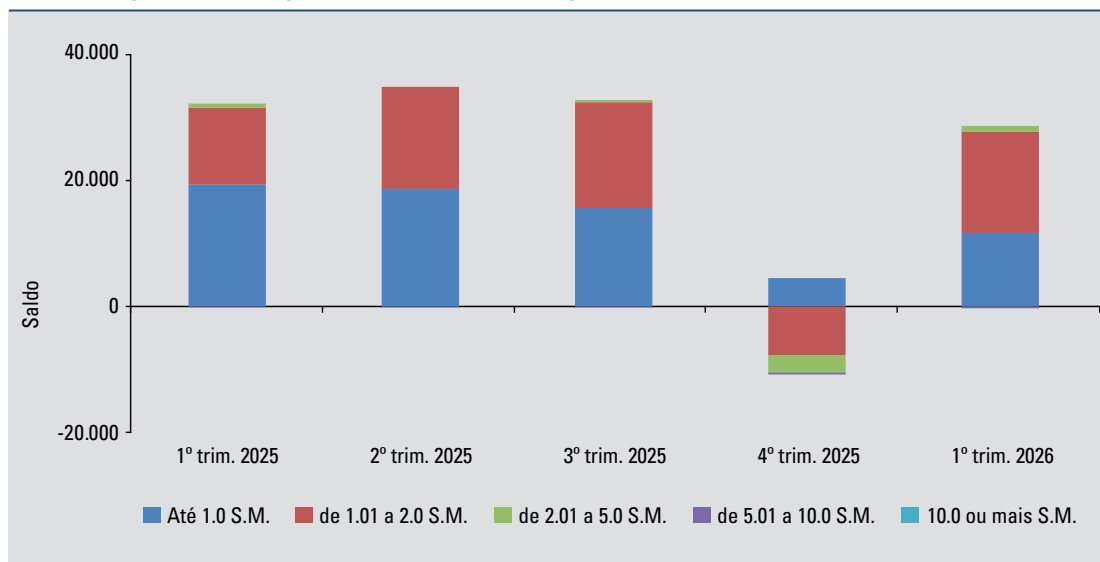
Na Bahia, de janeiro a março de 2026, mesmo reforçado por um resultado positivo no agregado, o surgimento líquido de vagas não aconteceu em todos os cinco estratos de remuneração analisados, visto que houve decréscimo de postos em dois deles. No caso, as camadas dos que receberam de cinco a dez e dez ou mais salários mínimos despontaram como aquelas com eliminação de vínculos no primeiro trimestre de 2026. Ou seja, neste período, com o mercado de trabalho baiano não tendo a capacidade de gerar postos de trabalho nos diversos grupos salariais, as contratações se concentraram naqueles de menor retorno financeiro, os de até um, de um a dois e de dois a cinco salários mínimos – sendo a geração de vagas nesses grupos mais do que suficiente para contrabalançar o somatório das perdas nos demais. O maior acréscimo líquido, por sinal, ocorreu na camada representada pelos que receberam de um a dois salários mínimos. A faixa dos que receberam até um salário mínimo contabilizou o segundo menor saldo (Gráfico 4).

Nesse enquadramento de saldos por faixas de salário mínimo, com base apenas no número de classes com abertura líquida de vagas, o panorama no primeiro trimestre de 2026 se mostrou semelhante ao verificado há um ano, já que à época também houve geração líquida de postos em três das classes (portanto, mesmo quantitativo que agora). No entanto, no quesito resultado por faixa, apenas duas categorias exibiram saldos maiores no trimestre mais recente: as de um a dois e de dois a cinco salários mínimos (ou seja, diante de um saldo agregado menor, três das cinco categorias apresentaram resultado pior no trimestre mais atual). Em relação ao quarto trimestre de 2025, quando quatro estratos salariais apontaram perda líquida de postos, a cena

estampada no primeiro trimestre de 2026 se revelou mais favorável no que diz respeito ao total de estratos com resultado acima de zero. Do mais, quatro das cinco categorias contaram com resultado melhor agora do que no trimestre imediatamente antecedente.

Gráfico 4

Saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo, por trimestre – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026



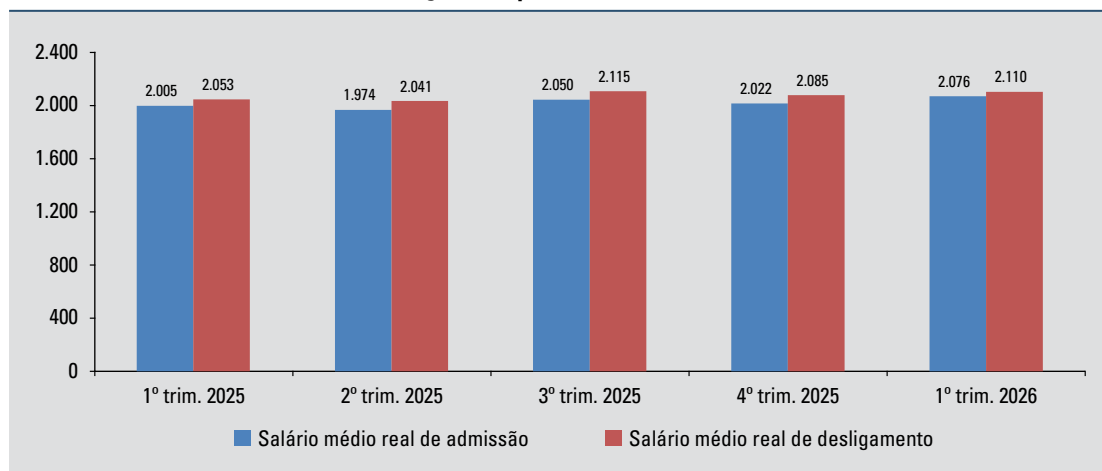
Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

O salário médio real de admissão na Bahia chegou a R\$ 2.076 no primeiro trimestre de 2026 (Gráfico 5). A remuneração média dos trabalhadores admitidos, dessa forma, aumentou na margem após ter recuado – mantendo-se, assim, como o maior valor desde o segundo trimestre de 2020. Em relação ao trimestre antecedente, quando havia sido de R\$ 2.022, houve uma alta de 2,7% (ou seja, R\$ 54 a mais). Na comparação interanual, ocorreu uma alta de 3,6% (mais R\$ 71), já que, à época, o valor havia sido de R\$ 2.005. O salário médio real de desligamento, também, cresceu após ter encolhido. O valor mais recente chegou a R\$ 2.110, o que representou uma ampliação de 1,2% (mais R\$ 25) e de 2,8% (mais R\$ 57) sobre aqueles registrados no trimestre imediatamente anterior e no mesmo intervalo de 2024, respectivamente. Trata-se do maior salário médio real de desligamento desde o encontrado no terceiro trimestre de 2025.

No primeiro trimestre de 2026, o salário médio real de admissão se mostrou abaixo do de desligamento – situação, portanto, semelhante àquelas vistas no mesmo intervalo do ano passado e no quarto trimestre do ano de 2025. Enquanto no intervalo mais atual o trabalhador admitido recebeu, em média, 98,4% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre imediatamente precedente e no primeiro trimestre de 2025, tais percentuais tinham sido de 97,0% e 97,6%, respectivamente – denotando, dessa maneira, uma alta do preço de rotatividade da mão de obra baiana tanto em relação ao valor do quarto trimestre de 2025 quanto em comparação ao preço do intervalo de um ano antes.

Gráfico 5**Salário médio real de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026**

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, (2026).

A série dos dados (salários de admissão e de desligamento e totais de admitidos e de desligados) conta apenas com as declarações dentro do prazo.

Dados sujeitos a atualizações nos próximos meses.

Dados deflacionados em relação a março de 2026 pelo INPC.

Dados não levam em conta contratos de trabalho com vínculo sob a modalidade intermitente e não incluem valores de rendimentos inferiores a 0,3 salário mínimo e superiores a 150 salários mínimos (vigente em cada ano).

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sintetizados na Tabela 3, na Bahia, no primeiro trimestre de 2026, a desocupação atingiu 9,2% da população na força de trabalho. Trata-se do menor índice para um primeiro trimestre em toda a série⁸. Além do mais, ainda se configura como a quinta menor taxa da sequência. Dentro do estado, a capital soteropolitana registrou uma taxa trimestral de desocupação de 10,2% e a Região Metropolitana de Salvador (RMS) exibiu uma estimativa de 11,2%.

Quando desagregada por sexo, a taxa de desocupação ficou em 7,4% para os homens e em 11,6% para as mulheres no primeiro trimestre de 2026 na Bahia – ou seja, uma diferença significativa de 4,2 pontos percentuais. Assim, houve um estreitamento dessa distância no comparativo com o trimestre de um ano antes (quando a diferença foi de 7,2 pontos percentuais) e em relação ao intervalo imediatamente antecedente (de 5,1 pontos percentuais). No quesito cor ou raça, a referida taxa foi de 7,5% para os brancos, de 8,9% para os pardos e de 10,9% para os pretos – ou seja, abaixo da média estadual no que se refere aos dois primeiros grupos e acima no caso do último, indicando que a população preta ainda enfrenta as maiores dificuldades de inserção entre os referidos grupamentos.

No Brasil e no Nordeste, no primeiro trimestre do ano, as taxas observadas foram de 6,1% e 8,4%, respectivamente. A Região Nordeste (6,1%), por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul (3,5%) com a mais baixa novamente. Entre

8 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

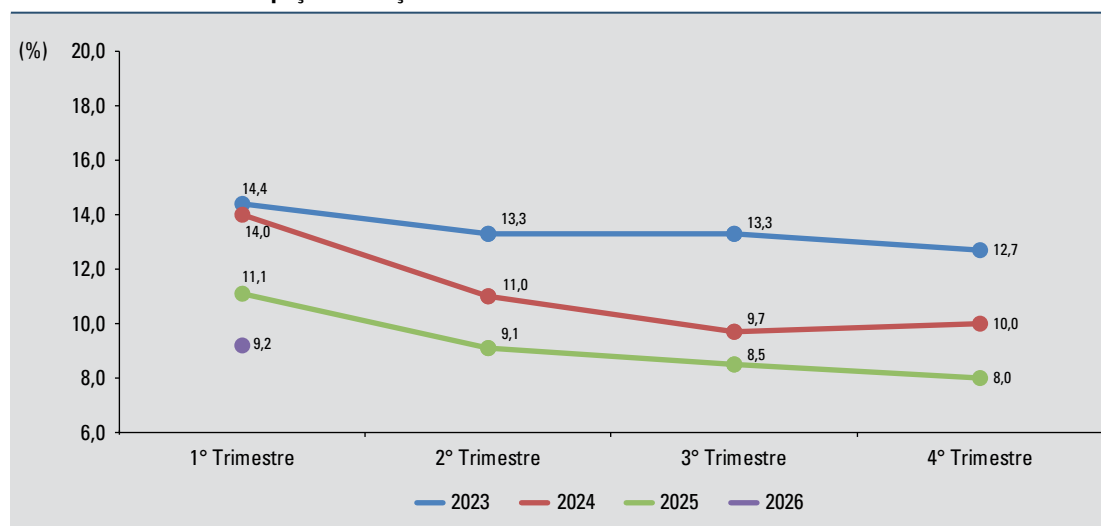
as unidades da Federação, a Bahia exibiu o segundo índice mais elevado do país (empatada com Alagoas e Pernambuco), diferentemente do trimestre anterior quando registrou o terceiro mais alto. O estado do Amapá (10,0%), no caso, foi aquele com a mais alta taxa no referido intervalo. Na outra ponta, Santa Catarina (2,7%) ostentou a menor estimativa no agregado de janeiro a março de 2026. Em terras baianas, portanto, o referido indicador foi mais que o triplo do apurado para o território catarinense no primeiro trimestre do ano.

Assim, após um roteiro descendente em 2025 – com três baixas sucessivas após a elevação no conjunto dos três meses inaugurais daquele ano –, o ano de 2026 começou com uma interrupção dessa tendência de queda. A taxa de desocupação passou de 8,0% para 9,2% do último trimestre do ano passado ao primeiro deste ano, respectivamente – um aumento de 1,2 ponto percentual na margem (Gráfico 6). Essa quebra, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido observado em todos os anos da série. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2025, quando o indicador foi estimado em 11,1%, porém, houve decréscimo (significativo estatisticamente), com a taxa mais recente ficando 1,9 ponto percentual abaixo.

Além da Bahia, todas as outras 26 unidades da Federação apresentaram expansão da taxa trimestral de desocupação do quarto trimestre de 2025 para o primeiro trimestre deste ano (independentemente da significância estatística da oscilação). Entre as unidades federativas, a Bahia exibiu a nona maior alta absoluta em bases trimestrais (a maior elevação foi constatada no Ceará, de 2,3 pontos percentuais). Com essa oscilação para cima agora, a taxa se distanciou do seu menor valor histórico em território baiano, ocorrido no quarto trimestre de 2025 (8,0%) – lembrando, para efeito de comparação, que seu auge histórico se deu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local.

Gráfico 6

Taxa trimestral de desocupação da força de trabalho – Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2026



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

O nível da ocupação⁹ em território baiano, no trimestre encerrado em março de 2026, diminuiu no comparativo com o do trimestre imediatamente antecedente e aumentou em relação ao de um ano antes. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade que estavam ocupadas na semana de referência ficou em 52,9%, ao passo que havia sido de 54,4% no quarto trimestre de 2025 e de 51,3% no mesmo trimestre do ano passado. A taxa de participação¹⁰ apresentou a mesma dinâmica, pois decresceu na margem e ampliou na comparação interanual. Com encolhimento de 0,9 ponto percentual frente ao trimestre imediatamente antecedente (59,1%) e alta de 0,6 ponto percentual em comparação com o mesmo intervalo de 2024 (57,6%), a referida estimativa ficou em 58,2% – representando a 16ª menor marca da série. Assim, perante os recuos recentes na margem, tanto o nível de ocupação quanto a taxa de participação permaneceram distantes de seus picos, de 56,9% no quarto trimestre de 2014 e de 63,5% no terceiro trimestre de 2015, respectivamente.

No trimestre analisado, o mercado de trabalho baiano se deparou com retração da ocupação tendo como referência o intervalo imediatamente anterior e com expansão no comparativo com um ano antes. Na margem, o contingente de ocupados diminuiu após três altas em sequência. No confronto interanual, o número de ocupados revelou a 11ª ampliação consecutiva. Enfim, a população ocupada foi estimada em 6,451 milhões, representando um decréscimo de 2,7% (menos 177 mil pessoas) em contraponto ao montante do trimestre precedente e um aumento de 3,3% (mais 207 mil) comparativamente ao total de ocupados do mesmo período de 2025. Apesar dessa queda na margem, o contingente populacional ocupado assumiu o quarto maior patamar da série histórica – lembrando que atingiu seu auge recentemente, quando contabilizou 6,628 milhões de ocupados no último trimestre de 2025. No comparativo entre primeiros trimestres, o número de pessoas trabalhando foi o maior desde o início da pesquisa. Além disso, vale registrar, o montante atual de ocupados se situa muito acima do menor valor da série, de 4,770 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de Covid-19).

A desocupação, por sua vez, foi realidade para 657 mil baianos no primeiro trimestre de 2026. Dessa forma, o total de desocupados aumentou após três quedas consecutivas na margem (+14,1% ou mais 81 mil pessoas na variação mais recente). A alta da desocupação, por sinal, mostrou-se relevante, pois mais do que suplantou o somatório das quedas observadas nos dois trimestres imediatamente anteriores (que juntas significaram menos 72 mil desocupados). Mesmo diante da expansão recente entre trimestres consecutivos, a população desocupada baiana assumiu o quinto menor montante da série e o menor quantitativo em um primeiro trimestre desde o começo da sequência – já tendo sido, entretanto, de 576 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano passado, melhor marca da história. Do mais, relevante recordar, no estado, o maior contingente de desocupados foi de 1,406 milhão de indivíduos no trimestre inaugural do ano de 2021. Por fim, no comparativo com um ano antes, a desocupação exibiu contração (-15,3% ou menos 119 mil) – computando, assim, a 18ª queda depois de sete altas consecutivas nessa base de comparação.

9 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

10 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

Importante pontuar, também, que o número de pessoas fora da força de trabalho aumentou na margem depois de três recuos seguidos (+2,3% ou mais 116 mil indivíduos do quarto trimestre de 2025 ao primeiro trimestre deste ano), subindo a 5,096 milhões – configurando-se, assim, como o 14º maior registro da sequência e se mantendo acima de qualquer marca observada no período pré-pandemia. Assim, dada a sua dimensão, reforçada pela oscilação desfavorável na margem, o quantitativo que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência mantém seu potencial de pressão sobre o mercado de trabalho, visto que tende a repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação. Em um ano, o movimento foi de queda (-1,2% ou menos 64 mil indivíduos), encolhendo pela quarta vez seguida após ter majorado em bases anuais.

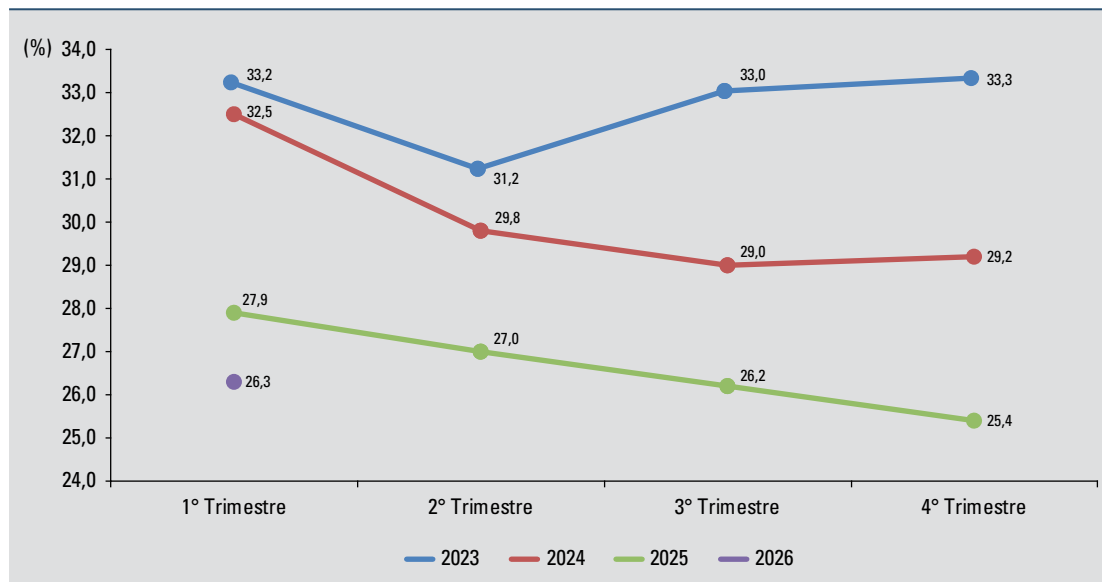
Por fim, em relação ao intervalo imediatamente antecedente, a retração da ocupação combinada com a ampliação do número de desocupados desembocou numa expansão da taxa de desocupação no estado. O percurso ascendente da taxa de desemprego nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao decaimento do número de pessoas trabalhando quanto ao aumento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um – no entanto, vale ressaltar, esse movimento de alta do índice de desemprego foi suavizado em parte pela saída de pessoas da força de trabalho (ou seja, um contexto de menor pressão no mercado de trabalho).

A taxa composta de subutilização da força de trabalho¹¹ aumentou na margem e recuou em termos interanuais, registrando 26,3% no trimestre mais atual – indicando, dessa forma, alta de 0,9 e queda de 1,6 ponto percentual em relação às estimativas do trimestre imediatamente antecedente (25,4%) e do de um ano atrás (27,9%), respectivamente (Gráfico 7). Dessa forma, a referida taxa cresceu após quatro quedas em sequência. Mesmo com essa alta, o referido indicador assumiu a terceira menor marca da história, lembrando que o recorde havia sido registrado no último trimestre de 2025. Com a segunda maior taxa de subutilização entre as unidades federativas (inferior apenas à do Piauí, de 30,4%), a Bahia exibiu uma estimativa superior às do Brasil (14,3%) e do Nordeste (23,7%). Enfim, no trimestre encerrado em março de 2026, 2,061 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade se encontravam na condição de subutilizadas em território baiano – ou seja, 31,4% e 12,6% dos quantitativos existentes na região nordestina e no país, respectivamente.

11 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

Gráfico 7

Taxa composta de subutilização da força de trabalho – Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2026



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

O montante de desalentados em terras baianas no primeiro trimestre de 2026 foi de 426 mil pessoas¹². Assim, houve uma redução de 109 mil indivíduos (-20,4%) nessa condição em um ano, sétimo recuo após três altas seguidas nessa base de comparação. Ao se considerar o quarto trimestre de 2025, ocorreu uma elevação de 4 mil pessoas (+0,9%), aumento após três quedas consecutivas em bases trimestrais. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Dessa maneira, a Bahia concentrou 15,9% da população desalentada brasileira (2,683 milhões), com a menor proporção da série tendo sido de 13,2% no penúltimo trimestre de 2021 e a maior, de 20,7% no primeiro intervalo de 2014. Em relação ao Nordeste, com estimativa de 1,669 milhão de desalentados (equivalente a 62,2% do quantitativo do país), a Bahia computou 25,5% desse total. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 5,7% de janeiro a março de 2026 – o quinto maior registro do país quando se compara os percentuais das 27 unidades da Federação.

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2026, na Bahia, foi estimado em R\$ 2.483, o maior da série – mas o segundo mais baixo entre as unidades federativas (semelhantemente ao constatado no trimestre antecedente), acima apenas ao do Maranhão, estimado em R\$ 2.240. Além do mais, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 66,7% e a 94,9% dos rendimentos médio brasileiro e nordestino, que foram de R\$ 3.722 e de R\$ 2.616 no referido trimestre, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2025, quando estava em R\$ 2.279, houve alta de aproximadamente 9,0% (ou seja, mais R\$ 204) – terceiro aumento em sequência nessa base de comparação. Num comparativo com

12 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por, pelo menos, uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.394, ocorreu uma variação positiva de 3,7% (mais R\$ 89), terceira alta consecutiva.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 15,703 bilhões no estado, o maior montante desde o início da série histórica – significando uma elevação de 0,9% frente ao do quarto trimestre de 2025, de R\$ 15,561 bilhões, e uma alta de 12,1% num comparativo com o total do mesmo período do ano de 2025, cujo valor havia sido de R\$ 14,003 bilhões. A Bahia, assim, no primeiro trimestre do ano, concentrou 4,2% e 26,6% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente. A ampliação da massa de rendimento real em relação ao trimestre imediatamente antecedente se deu pela sexta vez consecutiva, tendo ocorrido exclusivamente por conta do crescimento do rendimento médio real, visto que a população ocupada diminuiu nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a ampliação recente significou a 18ª expansão consecutiva, isso depois de um período com seis quedas em sequência – a alta aqui decorreu do aumento concomitante da ocupação e do rendimento médio real de todos os trabalhos.

Tabela 3
Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 1º trim. 2025/4º trim. 2025/1º trim. 2026

Indicador	Estimativa			Variação	
	1º trim. 2025	4º trim. 2025	1º trim. 2026	1º trim. 2026 / 4º trim. 2025	1º trim. 2026 / 1º trim. 2025
População em idade de trabalhar (em mil)	12.180	12.185	12.203	0,1%	0,2%
População na força de trabalho (em mil)	7.020	7.205	7.107	-1,4%	1,2%
Ocupados (em mil)	6.244	6.628	6.451	-2,7%	3,3%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (em mil)	592	720	687	-4,6%	16,0%
Desocupados (em mil)	776	576	657	14,1%	-15,3%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.160	4.980	5.096	2,3%	-1,2%
População na força de trabalho potencial (em mil)	821	714	717	0,4%	-12,7%
Desalentados (em mil)	535	422	426	0,9%	-20,4%
População subutilizada (em mil)	2.189	2.010	2.061	2,5%	-5,8%
Taxa de desocupação	11,1%	8,0%	9,2%	1,2 p.p.	-1,9 p.p.
Nível da ocupação	51,3%	54,4%	52,9%	-1,5 p.p.	1,6 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	57,6%	59,1%	58,2%	-0,9 p.p.	0,6 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	27,9%	25,4%	26,3%	0,9 p.p.	-1,6 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	9,5%	10,9%	10,6%	-0,3 p.p.	1,1 p.p.
Percentual de desalentados ⁽¹⁾	7,1%	5,5%	5,7%	0,2 p.p.	-1,4 p.p.
Rendimento médio real habitual	R\$ 2.279	R\$ 2.394	R\$ 2.483	3,7%	9,0%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 14.003	R\$ 15.561	R\$ 15.703	0,9%	12,1%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

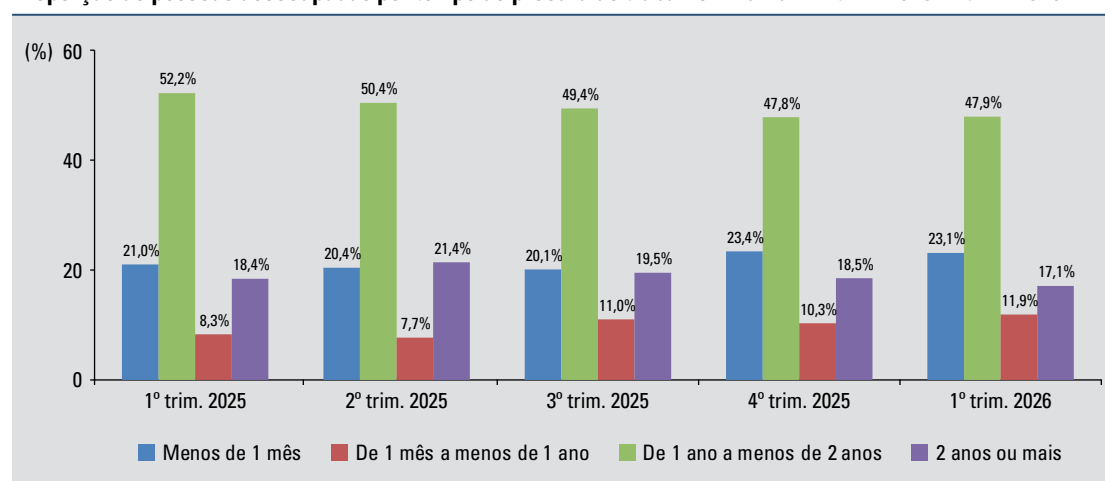
Tomando-se por análise apenas o universo dos desocupados, constatou-se que, além da elevação da taxa de desocupação na margem, que passou de 8,0% para 9,2%, o tempo de permanência em situação de desemprego (sob a ótica das proporções) mostrou ligeira alta na Bahia do quarto trimestre de 2025 ao primeiro trimestre deste ano, constituindo-se em uma preocupação adicional num cenário que ainda enfrenta seus desafios apesar dos avanços notados nos últimos anos.

A parcela de pessoas sem ocupação e procurando por trabalho durante um ano ou mais aumentou na margem e saiu de 28,8% para 29,0% do último intervalo de 2025 ao primeiro trimestre de 2026 no estado – mas ainda mantendo o quarto menor percentual desde o começo da série (ênfatizando a ausência dessa estimativa do segundo trimestre de 2020 ao primeiro trimestre de 2022). Especificamente, a porção de desocupados entre um e dois anos aumentou e aquela por dois anos ou mais diminuiu, visto que passaram de 10,3% e 18,5% para 11,9% e 17,1% de um trimestre ao outro (Gráfico 8). Assim, quase três em cada dez desocupados se encontravam há pelo menos um ano nessa condição no intervalo mais recente, ou seja, pouco menos de três décimos deles enfrentavam o drama do desemprego de longa duração. Em um ano, também houve expansão desse percentual, já que essa parcela estava em 26,7% no primeiro trimestre de 2025.

Na Bahia, portanto, 190 mil (ou 29,0%) pessoas vivenciavam um quadro de desemprego duradouro à época – o que correspondia a 10,5% do contingente nessa circunstância em todo o território brasileiro (1,807 milhão de pessoas). De forma detalhada, de janeiro a março do ano de 2026, entre os desocupados baianos, 23,1% (152 mil) procuravam ocupação há menos de um mês; 47,9% (314 mil), entre um mês e menos de um ano; 11,9% (78 mil), entre um ano e menos de dois anos; e 17,1% (112 mil) buscavam há pelo menos dois anos.

Gráfico 8

Proporção de pessoas desocupadas por tempo de procura de trabalho – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Levando-se em conta a posição na ocupação, mesmo reforçado pela alta no total da ocupação no comparativo interanual, não houve aumento de ocupados em duas das seis formas de inserção no mercado de trabalho na Bahia (Tabela 4). Frente ao mesmo trimestre de 2025, *Trabalhador familiar auxiliar* (+29,2%) foi aquela com a maior expansão relativa. Em seguida, em magnitude relativamente menor, vieram *Empregado no setor público* (+14,4%), *Conta própria* (+7,4%) e *Empregador* (+6,0%). Por outro lado, *Trabalhador doméstico* (-2,6%) e *Empregado no setor privado (exclusive Trabalhador doméstico)* (-2,1%) foram aquelas com

retração interanual. Em relação ao quarto trimestre de 2025, num contexto de encolhimento da ocupação, ocorreram contrações em cinco das seis formas de inserção: *Empregador* (-11,3%), *Trabalhador doméstico* (-11,1%), *Empregado no setor público* (-5,7%), *Conta própria* (-3,2%) e *Trabalhador familiar auxiliar* (-1,6%). Ou seja, apenas uma delas exibiu ampliação no número de ocupados nessa base de comparação no estado: *Empregado no setor privado (exclusive Trabalhador doméstico)* (+0,5%).

No setor privado (exclusive Trabalhador doméstico), em termos interanuais, o recuo da ocupação se deu exclusivamente pela retração do total de trabalhadores sem registro em carteira de trabalho (-8,0%), já que o quantitativo daqueles com registro apresentou alta (+2,4%). Em confronto com o trimestre antecedente, o decrescimento da ocupação no setor privado também foi influenciado unicamente pelo recuo do montante sem carteira assinada (-1,3%), já que o número de empregados com carteira de trabalho (+1,7%) aumentou. O quantitativo com carteira de trabalho assinada cresceu após ter encolhido em território baiano, registrando 1,797 milhão de pessoas. O montante sem carteira assinada, por outro lado, recuou após ter apresentado estabilidade e computou 1,201 milhão de indivíduos. No primeiro trimestre de 2026, dessa forma, reforçado pela alta na margem, do total de empregados no setor privado, o percentual daqueles com registro em carteira ficou em 59,9% – a maior marca desde o penúltimo trimestre de 2020. Tal percentual se mostrou a quinta menor proporção entre as unidades federativas, além de se encontrar bem abaixo da média brasileira (74,7%).

Entre os ocupados como trabalhadores domésticos, após um ano, houve estabilidade daqueles sob a manta da legalidade (0,0%) e redução dos sem proteção legal (-2,8%). Na margem, movimento diferente: queda tanto para os com carteira de trabalho assinada (-5,0%) quanto para os sem registro em carteira (-11,9%). No setor público, em um ano, os com carteira assinada (+35,6%) e os militares e estatutários (+20,6%) apresentaram variação positiva de seus quantitativos, enquanto aqueles que não contavam com carteira assinada (-1,5%) exibiram recuo. Do quarto trimestre de 2025 ao primeiro trimestre de 2026, as categorias dos com carteira assinada (-18,2%) e dos sem registro formal (-21,5%) reduziram o número de trabalhadores dentro do setor público, enquanto o grupo dos militares e estatutários (+8,2%) apontou crescimento de seu contingente.

De toda a população ocupada no estado no primeiro trimestre de 2026, apenas 3,5% se enquadravam como empregadores. A média brasileira foi de aproximadamente 4,1%. Por sua vez, no mesmo período, os que trabalhavam por conta própria representavam 28,3% do total de ocupados na Bahia – percentual acima da média do país, de 25,5%. A Bahia, assim, contava com 5,4% e 7,0% dos empregadores e dos trabalhadores por conta própria existentes em todo território brasileiro no referido intervalo, respectivamente. Outros pormenores das formas de inserção e suas oscilações entre os trimestres podem ser observados na tabela abaixo.

Tabela 4

Pessoas ocupadas (em milhares) por posição na ocupação e categoria do emprego no trabalho principal
Bahia – 1º trim. 2025/4º trim. 2025/1º trim. 2026

Posição na ocupação e categoria do emprego	Estimativa			Variação			
	1º trim. 2025	4º trim. 2025	1º trim. 2026	1º trim. 2026/4º trim. 2025		1º trim. 2026/1º trim. 2025	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Empregado no setor privado⁽¹⁾	3.061	2.984	2.998	0,5%	14	-2,1%	-63
com carteira de trabalho assinada	1.755	1.767	1.797	1,7%	30	2,4%	42
sem carteira de trabalho assinada	1.306	1.217	1.201	-1,3%	-16	-8,0%	-105
Trabalhador doméstico	378	414	368	-11,1%	-46	-2,6%	-10
com carteira de trabalho assinada	57	60	57	-5,0%	-3	0,0%	0
sem carteira de trabalho assinada	321	354	312	-11,9%	-42	-2,8%	-9
Empregado no setor público	794	963	908	-5,7%	-55	14,4%	114
com carteira de trabalho assinada	73	121	99	-18,2%	-22	35,6%	26
sem carteira de trabalho assinada	274	344	270	-21,5%	-74	-1,5%	-4
militar e funcionário público estatutário	447	498	539	8,2%	41	20,6%	92
Empregador	215	257	228	-11,3%	-29	6,0%	13
Conta própria	1.699	1.884	1.824	-3,2%	-60	7,4%	125
Trabalhador familiar auxiliar	96	126	124	-1,6%	-2	29,2%	28
Total	6.244	6.628	6.451	-2,7%	-177	3,3%	207

Fonte: IBGE – PNADC.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias.

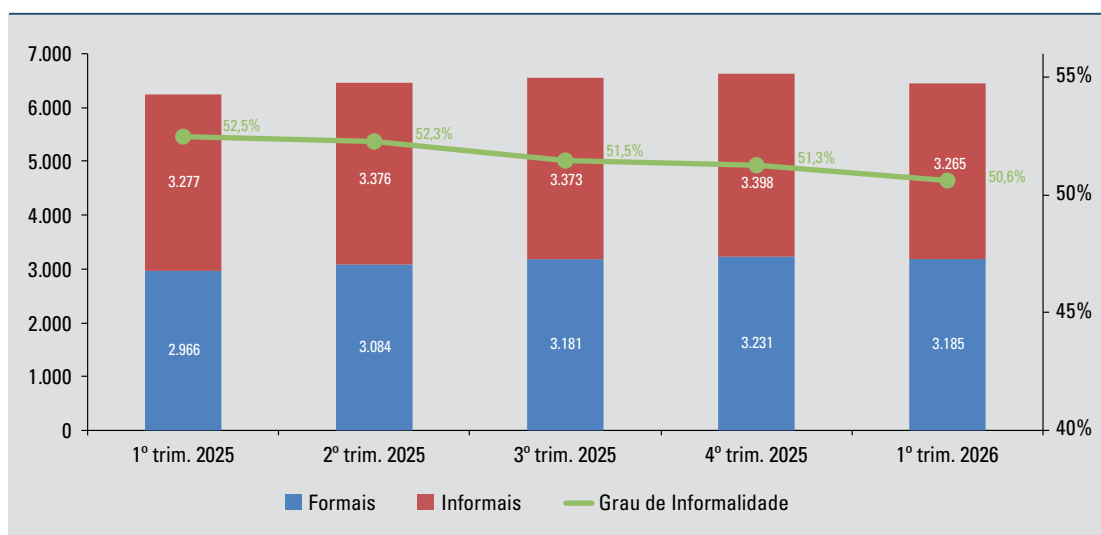
(1) Exclusive trabalhador doméstico.

Na Bahia, em relação ao intervalo imediatamente anterior, o conjunto dos informais decresceu, registrando queda após ter aumentado. O quantitativo de formais diminuiu após sequência com três altas (Gráfico 9). Do quarto trimestre de 2025 ao primeiro trimestre deste ano, a diminuição geral da ocupação derivou principalmente do decréscimo no montante de informais, visto que o total de formais encolheu em magnitude menor. No caso, enquanto 46 mil pessoas ficaram sem vínculos formais no espaço de trabalho baiano, 133 mil deixaram de ocupar postos como informais – de maneira que os informais responderam por aproximadamente 74,3% da variação trimestral da população ocupada baiana, ou seja, mais de sete em cada dez indivíduos que ficaram sem ocupação eram informais.

No comparativo interanual, movimento distinto, já que o número de formais (mais 219 mil) cresceu e o de informais (menos 12 mil) caiu. A alta da ocupação em território baiano em um ano, portanto, foi impactada substancialmente pelo acréscimo no conjunto de formais, visto que o quantitativo de informais encolheu. Assim, nesse contexto de incorporação de trabalhadores especialmente ao polo protegido, o aumento geral da ocupação em um ano terminou assumindo um caráter mais benigno, já que favoreceu unicamente o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e mais garantias. Por fim, o trimestre de janeiro a março de 2026 contabilizou 3,265 milhões de ocupados na informalidade e 3,185 milhões na formalidade. Assim, vale destacar, no primeiro trimestre do ano, os números de formais e de informais no estado foram o segundo e o sexto mais elevados da série, respectivamente.

O grau de informalidade da população ocupada no mercado de trabalho baiano no trimestre encerrado em março de 2026, dessa forma, diminuiu tanto em relação ao do trimestre imediatamente anterior quanto em comparação ao de um ano antes. Assim, na margem, o referido índice decresceu pela quarta vez consecutiva. Como se pode acompanhar pelo gráfico abaixo, no intervalo mais recente, entre os ocupados, 50,6% eram considerados informais, ao passo que no mesmo trimestre do ano de 2025 e no intervalo imediatamente antecedente eram 52,5% e 51,3% em cada. Entre as unidades federativas, no primeiro trimestre de 2026, a Bahia exibiu o quarto maior grau de informalidade. No Brasil, por sinal, 37,3% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade entre janeiro e março de 2026.

Gráfico 9
População ocupada (em milhares) por situação de formalidade e grau de informalidade⁽¹⁾ – Bahia
1º trim. 2025-1º trim. 2026



Fonte: IBGE – PNADC.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

(1) A definição aqui utilizada considerou informal o empregado do setor privado sem carteira, o trabalhador doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o trabalhador por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

Considerando-se os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas aumentou em três das cinco grandes categorias (Tabela 5). No caso, a ampliação relativa do nível de emprego foi maior no setor de *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+6,8%). Em menor intensidade, o emprego também aumentou nos *Serviços* (+6,5%) e no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (+0,5%). Em compensação, a ocupação recuou nos setores de *Indústria geral* (-8,2%) e de *Construção* (-1,7%). Em relação ao trimestre imediatamente anterior, por sua vez, três dos grupamentos exibiram queda. Na base de comparação trimestral, a categoria de *Construção* (-9,5%) foi aquela com a maior retração relativa, enquanto *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+0,4%) foi a de maior crescimento relativo da ocupação. As demais variações em relação ao trimestre antecedente podem ser vistas na tabela logo a seguir.

Especificamente dentro de *Serviços*, composto por seis atividades, houve ampliação anual da população ocupada em quatro delas: Transporte, armazenagem e correio (+11,8%), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (+9,8%), Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais (+9,3%) e Outros serviços¹³ (+7,9%). Assim, portanto, as exceções ficaram por conta das atividades denominadas Alojamento e alimentação, com encolhimento de 3,8% e Serviços domésticos, com recuo de 1,6%.

Tabela 5

Pessoas ocupadas (em milhares) por grupamentos de atividade do trabalho principal – Bahia
1º trim. 2025/4º trim. 2025/1º trim. 2026

Grupamento de atividade econômica	Estimativa			Variação			
	1º trim. 2025	4º trim. 2025	1º trim. 2026	1º trim. 2026/4º trim. 2025		1º trim. 2026/1º trim. 2025	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	942	997	942	-5,5%	-55	0,0%	0
Indústria geral	583	605	562	-7,1%	-43	-3,6%	-21
Construção	514	505	526	4,2%	21	2,3%	12
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	1.187	1.189	1.253	5,4%	64	5,6%	66
Serviços	3.175	3.258	3.346	2,7%	88	5,4%	171
Total	6.401	6.554	6.628	1,1%	74	3,5%	227

Fonte: IBGE – PNADC.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias e/ou da existência de ocupações em atividades mal definidas.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação, manutenção ou demissão futura de trabalhadores. Assim, construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas nos próximos seis meses, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) se mostrou negativo pela 17ª vez consecutiva em março, já que a última vez acima de zero havia sido em outubro de 2024.

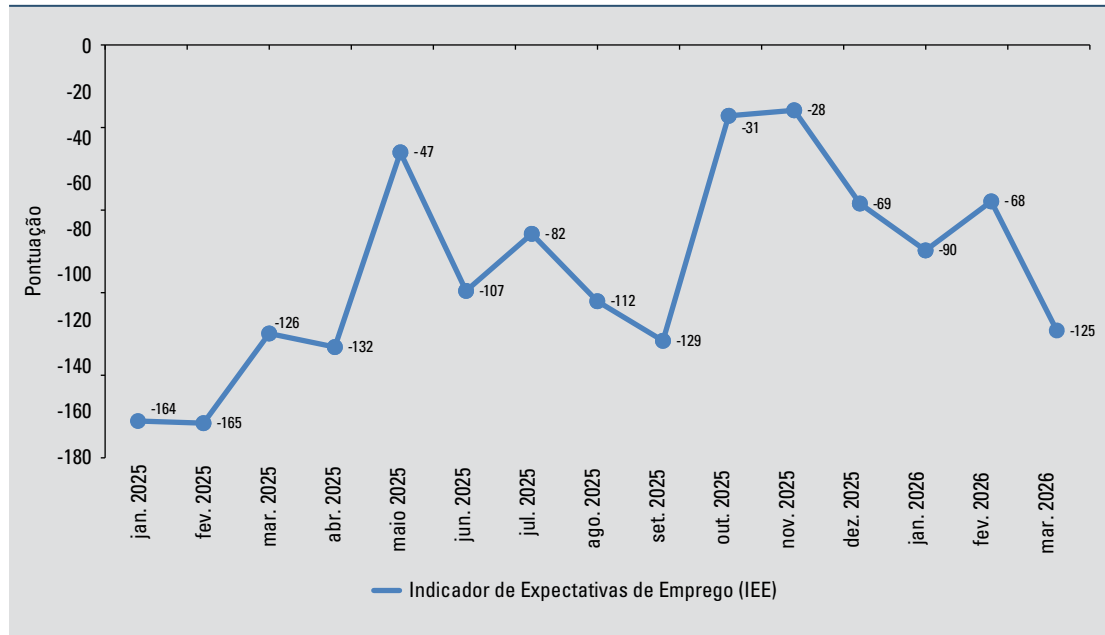
13 O grupamento ocupacional denominado Outros serviços, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços (Atividades de organizações associativas, Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos e Outras atividades de serviços pessoais); e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Ao se analisar a trajetória do IEE no tempo, sem levar em conta oscilações momentâneas, constata-se que, do início de 2025 até agora, o referido indicador assumiu basicamente quatro movimentos (Gráfico 10). No primeiro, de janeiro a maio de 2025, mesmo diante de algumas variações no intervalo considerado, o que se viu foi uma subida importante do indicador, visto que as altas foram de magnitude maior do que as quedas e, assim, a oscilação líquida do IEE resultou notadamente positiva no intervalo. Ou seja, desconsiderando-se os movimentos pontuais contrários, o referido indicador assumiu um comportamento ascendente em termos de tendência, retratando uma melhora das expectativas quanto ao cenário futuro do emprego local. No segundo movimento, de junho a setembro de 2025, a tendência foi de certo decaimento, que se deu de forma vagarosa e não linear ao longo dos meses em análise. No terceiro movimento, envolvendo apenas os meses de outubro e novembro de 2025, sem consolidar uma tendência de crescimento, o que se viu foi uma escalada positiva acentuada, a ponto de o indicador alcançar o maior nível desde outubro de 2024. No quarto percurso, um ciclo marcado por uma nova deterioração, com o indicador apresentando uma piora significativa, a despeito da ocorrência de uma variação em sentido contrário no intervalo considerado.

Do mais, confrontando especificamente o indicador do final do primeiro trimestre deste ano com o do término do quarto trimestre do ano de 2025, o que se captou foi uma piora moderada das expectativas quanto ao emprego. Ao longo dos meses do trimestre mais recente, o IEE exibiu as seguintes pontuações: janeiro, -90 pontos; fevereiro, -68 pontos; e março, -125 pontos. Assim, importante destacar, os resultados mais atuais, marcados por uma ampliação da apatia nas intenções de contratações em termos comparativos ao que foi constatado ao término do trimestre antecedente, alicerçaram um moderado viés de baixa, mas que, pela necessidade de resultados futuros no mesmo sentido, ainda não servem de lastro para argumentos que atestem de maneira incontestável a ocorrência de um cenário para o emprego menos promissor num horizonte próximo.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, a piora do indicador referente ao emprego não se manifestou de forma disseminada entre os setores, já que o recuo não ocorreu em um dos quatro segmentos (o setor de *Indústria*, no caso). A retração das expectativas, assim, foi registrada nos setores de *Agropecuária*, de *Serviços* e de *Comércio* – sendo que o indicador do segmento de *Serviços* foi o que evidenciou a maior queda absoluta. Considerando-se que a pontuação pode variar de -1.000 a 1.000 pontos, faz-se importante destacar que, mesmo que o recuo do indicador não tenha sido generalizado, o pessimismo quanto ao emprego (pontuação abaixo de zero) se manifestou em todos os quatro grupamentos – portanto, em número de segmentos maior do que o constatado no final do quarto trimestre de 2025, quando três dos setores apresentaram pontuação menor do que zero. Por fim, ao término do intervalo mais recente, o grupamento de *Serviços* indicou o pior patamar entre os segmentos, com -143 pontos. Na outra ponta, a atividade de *Indústria* revelou as percepções menos desfavoráveis em relação às contratações futuras, com -94 pontos. Os indicadores de *Agropecuária* e de *Comércio*, por sua vez, registraram -107 e -125 pontos respectivamente.

Gráfico 10
Indicador de Expectativas para Emprego – Bahia – Jan. 2025-mar. 2026



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

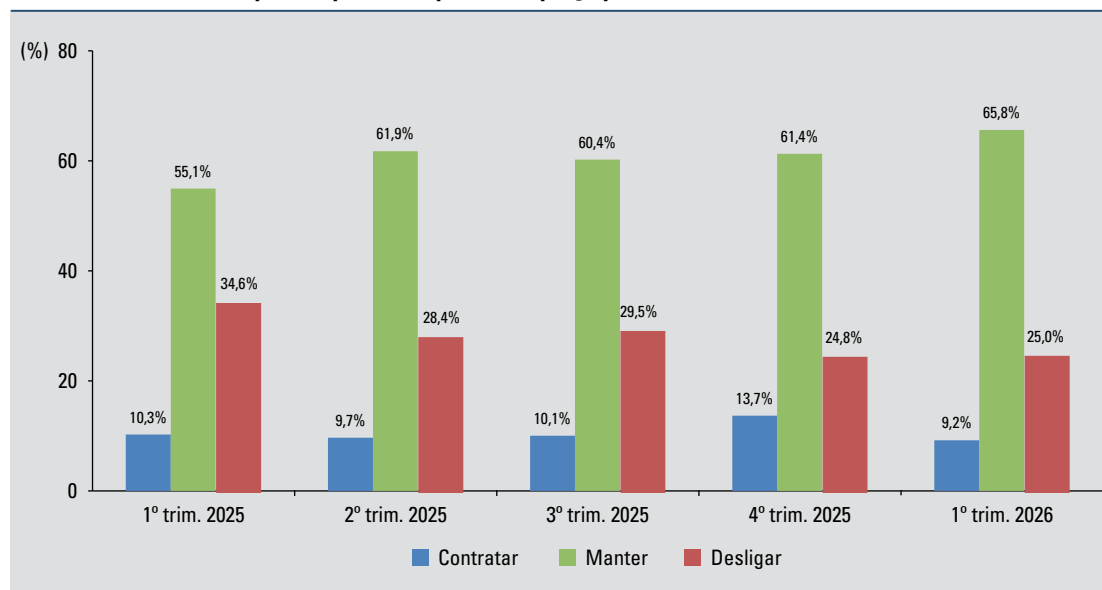
No primeiro trimestre de 2026, no que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, analisando a média do trimestre, 65,8% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 25,0% pensam em desligar e 9,2% dos entrevistados pretendem promover a contratação de empregados (Gráfico 11). Portanto, pelo 14º intervalo em sequência, a proporção das empresas com intenção de expandir o quadro de pessoal ficou abaixo da porção das que preveem comprimir. Do mais, comparativamente ao quarto trimestre de 2025, os percentuais daqueles que planejam desligar e dos que pretendem manter o quantitativo de empregados se ampliaram e o percentual dos que cogitam admitir trabalhadores encolheu.

Conforme o gráfico abaixo, após ter perdido força, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários aumentou levemente, registrando ainda o segundo menor nível desde o trimestre inaugural de 2025. O fito de admitir, por sua vez, depois de recuperar fôlego nos terceiro e quarto trimestres de 2025, voltou a decrescer, assumindo o menor patamar desde o visto no segundo trimestre de 2023. De resto, ao registrar 65,8% no intervalo mais recente, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados aumentou pela segunda vez em sequência. Assim, mesmo diante de um cenário menos encorajador do que no intervalo imediatamente anterior sob o olhar empresarial (conforme os percentuais estimados), ainda não se pode garantir que essa expectativa se manifeste como um enfraquecimento consistente do mercado de trabalho no curto prazo¹⁴.

14 Dada a violenta e brusca quebra ocorrida em 2020, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal desde então. Além do mais, a redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças na forma de captação dos dados do Caged se revelou um obstáculo adicional. Nessas circunstâncias, portanto, a capacidade preditiva dos modelos econométricos se encontra fragilizada.

Gráfico 11

Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 1º trim. 2025-1º trim. 2026



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2026).

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com 12 perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (inflação, juros, PIB nacional e PIB estadual) e ao desempenho das empresas (vendas, crédito, câmbio, capacidade produtiva, situação financeira, emprego, exportação e abertura de unidades).

Fruto de uma amostragem não probabilística intencional, a pesquisa conta, atualmente, com mais de 100 entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da pesquisa abrange quatro setores: *Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.*

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Dessa maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



